[NOTAS]

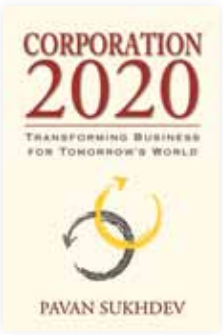
Fotografe com smartphone e leia a versão on-line desta edição

[PAVAN SUKHDEV]

Economista lança **Corporation 2020**

Após coordenar dois trabalhos de grande fôlego – sobre a economia da biodiversidade e a transição rumo à economia verde –, o economista indiano Pavan Sukhdev mergulhou no universo corporativo no ano passado durante suas atividades no Dorothy S. McCluskey Visiting Fellowship, da Universidade Yale, nos Estados Unidos. Foi o gancho para ele combinar suas tarefas de consultor em sustentabilidade com a de líder de um movimento que concebeu para influenciar as empresas a mudarem radicalmente seu modelo de negócios, chamado Corporation 2020 (corp2020.com). Como fruto direto de seu envolvimento com Yale e do movimento recém-iniciado, o economista indiano lançou no final de setembro o livro *Corporation 2020: transforming business for tomorrow's world,* pela Island Press, editora localizada em Washington D.C. (disponível para venda nos sites da Amazon, Barnes & Noble e Powell's Books).

"*Corporation 2020* apresenta as mudanças mais urgentes que necessitamos no nível corporativo durante esta década, se quisermos evitar a devastação do planeta e iniciar a transição para uma economia verde", diz Sukhdev. O coração do livro são os capítulos 4 a 8, em que o autor discorre sobre o que considera serem os quatro vetores de transformação das empresas.



No novo modelo empresarial, as companhias devem mensurar e tornar públicos seus impactos socioambientais negativos. O segundo vetor é a taxação do uso de recursos naturais não renováveis como petróleo e derivados, carvão e outros minerais. É o caminho para afastar o mercado do crescimento intensivo em recursos naturais.

Outro elemento fundamental da transição é a introdução de limites para o endividamento de empresas, cruciais, segundo Sukhdev, para prevenir crises econômicas globais, que vêm se tornando mais frequentes desde os anos 1990. Finalmente, o quarto vetor trata da publicidade ética e responsável como aspecto indispensável do novo modelo corporativo (*leia entrevista com Sukhdev na edição 55*). **POR JOSÉ ALBERTO GONÇALVES PEREIRA**

[MEMÓRIA]

LIBERDADE CONQUISTADA

Nem sempre a democracia esteve presente na América Latina. Em dado momento da história, diversos países do continente provaram governos autoritários, militares ou não. Pensando em resgatar a trajetória de lutas e conquistas em nome da liberdade dos direitos civis e individuais, a Coalizão Internacional dos Sítios de Memória e Consciência, integrante da Rede Latino-Americana, montou uma mostra virtual de fotografias que aborda, por meio das imagens, momentos particularmente relevantes da História de países como Argentina, Brasil, Chile, México, Paraguai, Peru e Uruguai.

A seleção de imagens narra exatamente a transição dos governos autoritários para as democracias, revelando as rupturas sociais e políticas dessas nações durante esses períodos. A seleção das fotografias para a galeria brasileira ficou a cargo do Núcleo de Preservação da Memória Política, de São Paulo. **As imagens**, segundo nota da instituição, "revelam a importância de conhecer o passado para que violações aos



ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO/ VIA GALERIA FLICKR PROJETOTRANSIÇÕES.

Exército Brasileiro assume o poder no dia 1º de abril de 1964, com o golpe de Estado que derrubou o presidente constitucionalmente eleito João Goulart

[NOTAS]

direitos humanos, como as praticadas no período ditatorial, nunca mais se repitam". A mostra virtual pode ser acessada em bit.ly/TTpBaP (em português) ou bit.ly/pBBP1G (espanhol). **POR LETICIA FREIRE**

[DESENVOLVIMENTO LOCAL]

A RESPONSABILIDADE POR TRÁS DOS GRANDES EMPREENDIMENTOS

Os desafios e as oportunidades de um grande empreendimento no desenvolvimento da localidade em que estão inseridos serão o foco do projeto "Desenvolvimento Local & Grandes Empreendimentos" do Centro de Estudos em Sustentabilidade da Fundação Getulio Vargas (GVces), que será lançado em outubro.

O primeiro ciclo – que se inicia em 2012 e vai até 2013 – terá como foco o combate à exploração sexual de crianças e de adolescentes. Em parceria com a organização Childhood Brasil, o projeto propõe reflexão, debate e troca de experiências entre empresas de grande porte envolvidas com megaempreendimentos.

O GVces, junto às empresas, deverá criar uma metodologia para diagnóstico e monitoramento da situação de crianças e adolescentes em locais de grandes empreendimentos e um conjunto de diretrizes para as empresas seguirem.

MAIS SOBRE O LANÇAMENTO DO PROJETO NO BLOG DA REDAÇÃO, EM FGV.BR/CES/PAGINA22

OLHA ISSO!

POR FABIO F. STORINO*

PEQUENOS DELITOS



Nos encontros dos praticantes de *locksport*, a atividade recreativa de destravar fechaduras, os modelos mais comuns (de pinos móveis em um cilindro) são frequentemente destravados em menos de 10 segundos. Presentes ao menos desde o Antigo Egito, travas são hoje ubíquas e fazem parte de um contrato social baseado, de certo modo, na desconfiança mútua. Mas, diante da falibilidade das nossas fechaduras, quem, afinal, estamos querendo barrar com elas? Na verdade, as pessoas predominantemente honestas.

Não se está falando aqui (necessariamente) de evitar que vizinhos roubem vizinhos. A existência de uma fechadura impede com maior frequência situações mais ordinárias: "Poxa, estou sem açúcar para terminar meu bolo. Acho que darei um pulinho no João, que não está em casa, e pegar um pouco emprestado. Logo mais eu reponho, ele nem vai perceber!" O economista Dan Ariely, autor de diversos estudos que enterraram de vez a ideia de um agente econômico plenamente racional (o *Homo economicus* dos livros-texto de Microeconomia), há tempos se dedica a entender por que trapaceamos. Em *A Mais Pura Verdade sobre a Desonestidade*, Ariely relativiza o modo binário como classificamos as pessoas, entre "honestas" e "desonestas". Em tempos de julgamento do mensalão pelo Supremo, uma visão menos maniqueísta sobre o assunto é oportunamente provocadora.

Com exceção de uma minoria profundamente honesta e outra profundamente desonesta, a grande maioria das pessoas trapaceia – mas apenas um pouquinho. Em um experimento conduzido pela equipe de Ariely, pessoas eram pagas caso completassem uma tarefa de maneira bem-sucedida. Ao se eliminar o risco de serem pegas – uma fragmentadora destruía as "provas do crime" –, o nível autodeclarado de sucesso aumentava (*assista a seu TEDtalk em* goo.gl/2iHZx). Até aí, nenhuma surpresa.

O modelo racional prevê que as pessoas pesam os benefícios da trapaça contra seus custos/riscos. Dados os custos, quanto maiores os benefícios, mais as pessoas trapaceariam, portanto. Mas não foi o que Ariely encontrou: ao multiplicar por 20 o valor pago no experimento acima, menos pessoas declararam ter completado a tarefa com sucesso. Trapacear por mais parece impor um custo maior à nossa consciência. Por outro lado, quando um ator presente na mesma sala trapaceava descaradamente, os demais membros daquele grupo reportavam o dobro de sucesso do que o grupo de controle. Ao que parece, a desonestidade é contagiosa (*ver estudo em* goo.gl/x2wBm).

Estudo publicado na *Proceedings of the National Academy of Sciences* (goo.gl/xNiyA) concluiu que pessoas mais afluentes são mais propensas a trapacear. Numa observação no mundo real, motoristas de carros mais baratos violaram 8% de uma determinada norma de tráfego, enquanto os de carros mais luxuosos, 30%. Já em laboratório, após uma rodada de jogo de dados (na qual os mais ricos também trapacearam mais), foram casualmente oferecidas aos participantes balas que seriam destinadas a crianças em um experimento ao lado. Sim, você adivinhou corretamente: pessoas de maior *status* socioeconômico tiraram mais doces da boca das crianças.

Nada de novo sob o sol: se a ganância corrompe, a decência nos compele a não destravar a fechadura do vizinho. Mas não seria possível vivermos em um mundo sem travas?

* COORDENADOR DE TI E GESTÃO DO CONHECIMENTO DO CENTRO DE ESTUDOS EM SUSTENTABILIDADE (GVces).